

DANÇA NA ESCOLA: LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E CRIAÇÃO

Manuela Machado Wiebusch¹

Silvane Fensterseifer Isse²

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi compreender como a dança na escola pode ser elemento de criação, comunicação, expressão e linguagem corporal. Trata-se de uma pesquisa-ação, realizada com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Teutônia/RS. As intervenções se deram em aulas de dança. Como instrumentos para a coleta das informações foram utilizados observações, filmagens e registros em diário de campo. Os resultados evidenciaram que os alunos sentem dificuldade quando se trata de processo criativo, mostrando insegurança e falta de informações para criar. A dança criativa não vem sendo trabalhada por professores nas aulas de dança, mas existe a possibilidade de trabalhá-la na escola, experimentando novas possibilidades corporais.

Palavras-chave: Dança. Escola. Linguagem corporal.

DANCE AT SCHOOL: LANGUAGE, COMMUNICATION AND CREATION

Abstract: The objective of this research was to understand how the dance at school can be the creating element, communication, expression, and body language. It is an action research, conducted with a group of the 5th year of Fundamental Education of a Municipal School of Teutônia/RS. The interventions were made through dance classes. As instruments for data collection there were used observations, filming and records in a field diary. The results showed that the students have difficulty for the creative process, showing insecurity and lack of information to create. The creative dance has not been worked by teachers in dance classes, but there is the possibility of working it at school, experimenting with new corporal possibilities.

Keywords: Dance. School. Body language.

1 Licenciada em Educação Física – Centro Universitário UNIVATES.

2 Doutoranda em Ciências do Movimento Humano – UFRGS. Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais – Centro Universitário UNIVATES.

INTRODUÇÃO

Com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a dança foi posicionada como área de conhecimento a ser desenvolvida nas escolas brasileiras. Ainda que a legislação a posicione dessa forma, e ela ofereça possíveis conteúdos a serem trabalhados na escola, a dança, ainda hoje, é trabalhada por poucos professores e acaba, muitas vezes, sendo uma atividade extraclasse, na qual participa apenas uma parcela dos alunos.

Nas atividades extraclasse frequentemente os professores fazem das aulas de dança uma atividade cheia de regras e técnicas. As aulas acabam se restringindo à construção de coreografias para apresentações em datas comemorativas. A escola, no entanto, é um lugar privilegiado para aprender dança com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade. Para que isso aconteça, a dança não poderá continuar sendo sinônimo de “festinhas de fim de ano” (MARQUES, 2007, p. 17).

Além dos obstáculos que os professores de dança encontram nas escolas, como a pouca valorização da mesma, o não reconhecimento de seus objetivos e a falta de espaços físicos para a realização das atividades corporais, alguns deles estão preparados para atuar somente em academias de ginástica e dança, reproduzindo fundamentos técnicos e teóricos. Nessa perspectiva, as aulas de dança deixam de ser voltadas ao conhecimento do corpo e às suas múltiplas possibilidades e passam a ser voltadas à reprodução de movimentos. O aluno, em consequência disso, deixa de conhecer amplamente seu corpo e os movimentos que ele é capaz de produzir. Introduzir atividades corporais na escola e realizar trabalhos de dança-educativa ou dança-expressiva é um interessante caminho para o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, mas, também, de suas capacidades imaginativas e criativas (STRAZZACAPPA, 2001).

Quando o trabalho da dança for educativo, através de movimentos que não priorizem a técnica, pode-se pensar a dança como área de conhecimento autônomo, em que os educandos estão livres para expressar suas emoções, desejos e anseios. Assim, o sujeito se revela e desperta para o mundo numa relação consigo mesmo e com os outros. Nesse sentido, Marques (2007, p. 25-26) pontua que “os alunos não aprendem somente por meio das palavras, mas também de imagens e dos movimentos, e a dança, como educação do corpo criador e crítico, pode ser uma prática indispensável para vivermos presentes, críticos e participantes na sociedade”.

A dança é uma área de conhecimento fundamental ao desenvolvimento humano, pois contribui para o domínio corporal, a ampliação do repertório motor, a criatividade, a expressividade, a comunicação e entre outros.

Fundamentado nessas questões, o objetivo desta pesquisa foi compreender como a dança pode ser elemento de criação, comunicação, expressão e linguagem corporal na escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado com uma turma de quatorze alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de um Município do Vale do Taquari/RS.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a pesquisa-ação. Foram realizadas sete intervenções, semanais, de aproximadamente uma hora de duração, nas aulas de dança. Os temas abordados nas aulas foram construídos com os alunos participantes da pesquisa. Em todas as intervenções era apresentado aos alunos um problema/desafio, os quais deveriam ser solucionados por criações em dança, utilizando-se a expressão corporal, improvisação ou dança criativa. Para “resolver” esse desafio, os alunos deveriam criar sequências coreográficas ou improvisar cenas.

Como possibilidade pedagógica utilizamos a dança criativa, pensando em um planejamento de aula com atividades lúdicas e sistematizadas e buscando uma melhor forma de vivenciar e compreender os temas propostos. Foi uma grande preocupação o envolvimento de todos os alunos nas aulas, já que desejávamos a ampliação de seus conhecimentos, a descoberta de novos movimentos e a aprendizagem sobre a cultura dos movimentos.

A coleta das informações deu-se por meio de observações e filmagens das aulas, de registros em diário de campo e de rodas de conversas no final das aulas.

“PROFESSORA, COMO É DIFÍCIL CRIAR!”: NOTAS SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

No primeiro encontro com os alunos, conversamos sobre a proposta da pesquisa e os assuntos que seriam desenvolvidos ao longo das intervenções. Os alunos foram questionados sobre o que sabiam sobre expressão corporal, improvisação, dança criativa e contagem de frases musicais³. Poucos alunos disseram ter conhecimento sobre esses temas. Seus professores, até então, não haviam trabalhado a proposta de criação de dança.

Sobre a improvisação, os alunos trouxeram o exemplo de que improvisar é “tocar bateria, dançar em grupos e criar passos”. Sobre expressão corporal, disseram que é “dançar muito, se mexer muito e que tinha que pensar”. Já sobre a dança criativa os alunos falaram que é uma “dança séria, que precisava ter ideias e que tinha que criar” e também foi dito por um menino que “deveria ser legal”, mas que não gostava de dançar. Quando falamos sobre a contagem de frases musicais, os alunos falaram que era preciso ter a contagem, pois “com ela o grupo se organiza e fica sincronizado”. Considerando a compreensão dos alunos sobre os elementos a serem pesquisados, passamos a planejar as aulas/intervenções (DIÁRIO DE CAMPO, 08/04/15).

3 Contagem musical de oito tempos.

Na 1ª aula, começamos pela explicação sobre o que é uma frase musical de oito tempos. Foi proposto, então, aos alunos que fizessem duplas e criassem uma sequência de movimentos de oito tempos. Feito isso, cada dupla se juntou a outra dupla, formando quartetos. A tarefa de cada dupla, então, era ensinar aos colegas do quarteto sua sequência coreográfica. Tiveram, em seguida, a tarefa de reunir as duas frases musicais de oito tempos, compondo uma sequência de dezesseis tempos. Por fim, apresentaram à turma o que criaram.

Já nos primeiros momentos de aula, enquanto os alunos estavam criando, foi possível perceber como criar era difícil para eles e como as criações das duplas estavam semelhantes. Os alunos faziam movimentos com os membros superiores e inferiores de uma forma bastante mecânica. Alguns alunos, inclusive, copiavam ou reproduziam os movimentos das duplas que estavam ao lado. Muitas vezes, olhavam a sequência dos colegas e, a partir dela, criavam seus passos.

Percebemos que precisavam de ajuda para fazer a contagem musical, pois os quartetos não conseguiam dançar e contar ao mesmo tempo. Quando contavam, o faziam em voz alta, para que todos do grupo escutassem e executassem a sequência coreográfica ao mesmo tempo. Ao solicitar que apresentassem para os grupos a composição coreográfica, combinamos que os quartetos fariam a contagem mentalmente. No momento da apresentação, auxiliamos na contagem da música, para que houvesse sincronia nos movimentos e destes com a música.

A fala de uma aluna na primeira aula deixou evidente que havia um desafio diante do grupo, pois criar movimentos não era algo fácil para aqueles estudantes: “Professora, como é difícil criar!” (DIÁRIO DE CAMPO, 08/04/15). Movimentar-se, percebendo a música, o espaço, o ritmo e o corpo do colega, que eram situações novas para eles. Entendemos que a dança criativa seria uma aliada importante nesse processo.

A dança criativa propõe aos alunos a descoberta do corpo, do movimento e de suas potencialidades expressivas e criativas. Na dança criativa, “o movimento existe em forma de laboratório, de tentativas, de descobertas, de brincadeiras, de prazer, de divertimento e de socialização” (ROHR, 2012, p. 95), e o aluno tem a possibilidade de explorar o que seu corpo pode fazer, a sua estrutura, que força e energia ele tem, conhecendo tempo, ritmo e espaço. Para Rohr (2012, p. 88), “a dança criativa oferece aos estudantes [...] a oportunidade para a resolução de um problema, porque eles usam seus próprios corpos, [...] ideias, [...] capacidades de achar, de trabalhar e de resolver um problema de dança (coreografia)”.

Em relação às experiências criativas, a escola é um espaço necessário, muitas vezes o único, para que os alunos possam explorar, elaborar, criar e testar maneiras de usar o seu pensamento criativo. As oportunidades de criação oferecidas pela escola podem criar mecanismos de enfrentamento aos costumeiros gestos mecânicos, padronizados, copiados, memorizados ou regrados.

Na 6ª e 7ª aulas a turma foi dividida em três grupos. Cada grupo recebeu quatro imagens, retiradas da internet, de corpos em movimento, corpos posicionados de diferentes formas, saltando, agachados e no chão. As imagens

deveriam ser representadas na composição coreográfica. Os alunos tinham a tarefa de criar conexões entre a representação de uma imagem e outra por meio de movimentos, criando diferentes formas de deslocamento, de posicionamento e movimentação dos diferentes segmentos corporais. As conexões dos movimentos se davam a partir das criações do corpo no espaço.

O uso dessas imagens de movimentos e posturas corporais tinha a intenção de ajudar os alunos a criarem as sequências, pois eram propostas de posição inicial e final e de movimentos a serem feitos durante as sequências, as quais abririam um leque de possibilidades de movimentos novos pois, na maioria das aulas, os movimentos realizados pelos alunos eram simples, de pé e quase sempre repetitivos.

Quando planejamos a atividade, imaginávamos que as imagens seriam uma inspiração à criatividade dos alunos. No entanto, ao mesmo tempo em que serviam de inspiração, exigiam percepção e conhecimento do corpo, esforço e criatividade para serem reproduzidas. A falta de repertório de movimentos e a pouca experiência com a pesquisa e experimentação corporal, rítmica e espacial novamente se tornaram evidentes, o que fez com que os alunos sentissem dificuldade para compreender e executar a proposta.

Foram muitos os pedidos de auxílio, os pedidos para que “mostrássemos” o que era para ser feito:

Profe, faz um exemplo de novo! Se tu mostrar mais um exemplo eu vou conseguir fazer.

Posso fazer como o Michael Jackson? Aquele passinbo para trás. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/05/15).

Os alunos só compreenderam a atividade quando visualizaram um exemplo prático, que se deu através de uma sequência criada a partir de algumas imagens oferecidas ao grupo. O processo criativo necessita de experiências anteriores de apreciação e experimentação corporal. Criar sequências coreográficas, usar o corpo como elemento de expressão não nasce de espontaneísmos (MARQUES, 2001), mas das experiências sensoriais e motoras do próprio corpo.

“AI, PROFE! TEM QUE SER SOZINHO?”: O OUTRO COMO PARCEIRO NA CRIAÇÃO

Na 2ª aula foi proposto aos alunos que criassem uma sequência coreográfica de oito tempos, individualmente. No segundo momento da aula, a ideia era reunir todas as sequências, formando, então, uma sequência coreográfica mais extensa. A ideia era contribuir com o processo criativo, especialmente no que diz respeito à conexão entre as sequências de oito tempos.

Ao soltar a música, os alunos ficaram parados. Alguns meninos que são mais desinibidos começaram a dançar e a improvisar conforme as batidas da música; as meninas ficaram paradas, se olhando, e não saíam do lugar.

Começamos a falar com os alunos, estimulando-os a criar, a dançar livremente e alguns começaram a reproduzir a coreografia da aula anterior. Percebemos que

trabalhar individualmente era um impedimento para a criação naquele momento, então voltamos às duplas. Os alunos imediatamente se juntaram com um colega e começaram a dançar. O colega era um suporte importante na tarefa de criar. A vergonha e a timidez podiam ser superadas mais facilmente com o apoio do outro. O restrito repertório de movimentos ia se ampliando a partir do movimento do outro. Criar com o outro deixava o ato de criar menos assustador para alguns.

Conversando com os alunos, foi possível perceber que as aulas de dança que haviam tido até o início da pesquisa seguiam uma rotina em que a professora ensinava os passos e os alunos os reproduziam. Quando a dança é ensinada dessa forma, o aluno imita e reproduz o que o professor ensina e não participa do processo de criação. Além de não trabalhar o processo criativo, os alunos muitas vezes não se sentem confiantes e capazes de criar algo sozinhos. Ficam envergonhados, tímidos, retraídos e com receio da exposição, do olhar e da avaliação dos colegas.

TRANSFORMAR AÇÕES COTIDIANAS EM AÇÕES DANÇADAS: EXPERIMENTANDO A IMPROVISAÇÃO

No final da 4ª aula, os alunos foram divididos em três grupos e receberam a tarefa de descrever duas ações que fazem quando acordam, quando estão na escola, quando estão em casa, quando estão com os amigos, descrever ações realizadas por trabalhadores em suas diferentes profissões e reações em um jogo de futebol. O material foi entregue às pesquisadoras. Na aula seguinte, os grupos receberam o material escrito e, com base nele, receberam o desafio de improvisar uma dança que representasse as ações descritas pelo grupo. As ações cotidianas deveriam ser transformadas em ações dançadas. A improvisação poderia se dar num ritmo lento ou rápido, ficava a critério do grupo.

No trabalho de improvisação, permite-se que o aluno crie movimentos, sem a necessidade de ter uma preparação ou iniciação. Não é apenas uma forma “livre” de criar uma dança, música ou teatro, mas uma possibilidade de o aluno/bailarino se expressar, criar seus próprios movimentos, transformando-os em dança. As aulas de improvisação são uma atividade motivadora, que contribui para que os alunos se sintam confiantes para criar suas composições em dança. O processo de improvisação incentiva o aluno a se conhecer (corporal, emocional, intelectualmente) respeitando o espaço dos outros (MARQUES, 2007). A improvisação, segundo Rohr (2012, p. 152),

[...] pode acontecer de várias formas: brincando com os movimentos; tentando diferentes formas do espaço e ritmo; experimentando o mesmo trabalho em um novo momento; desenvolvendo um tema corporalmente; ouvindo uma música e permitindo que o corpo flua; interpretando corporalmente um poema ou uma canção; permitindo o “acaso” dos movimentos sem pré-ideias; etc.

No início da 5ª aula, com a tarefa de transformar as ações cotidianas em ações dançadas, ao som de diversos ritmos e batidas de música, os alunos iam

improvisando e ensaiando suas ações conforme a música. Depois de ensaiar, os grupos tinham o dever de apresentar suas criações.

Na hora de apresentar, os alunos tiveram dificuldade de criar movimentos de conexão entre as ações do dia a dia. O grupo dançava a ação e, quando tinha que fazer a próxima cena, a coreografia não tinha continuidade. Eles faziam movimentos simples, movimentos ginásticos ou caminhavam para se deslocar. Os movimentos não fluíam, não havia sequência na coreografia.

Nas últimas aulas, quando os alunos eram convidados a improvisar ou criar uma sequência de dança, foi possível perceber que, ao soltar a música, quase todos dançavam livremente, sambavam, faziam passos de hip hop ou traziam sequências de dança que estão na mídia. Isso demonstra que os alunos tinham dificuldade quando era solicitado que apresentassem suas ideias na coreografia ou repetissem a sequência que haviam criado “sem querer”, enquanto improvisavam.

“COMO ASSIM, COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL? NÃO ENTENDI...”

Por meio de atividade de mímica, o principal objetivo da 3ª aula, cujo seguimento ocorreu na quarta aula, foi em que os alunos experimentaram vivências de expressão corporal e comunicação não-verbal.

A expressão corporal ou linguagem corporal é uma forma de comunicação não-verbal, usada para ampliar a comunicação por meio de sinais ou gestos do corpo. Através da expressão corporal; somos capazes de criar imagens, fazer abstrações e construir diálogos. A linguagem corporal, no entanto, tem sido, historicamente, secundarizada nas escolas, uma forma de expressão pouco privilegiada pelos professores. Silva (2012, p. 134) coloca que “falta o entendimento de que ela pode ser uma ferramenta muito precisa no processo de ensino e aprendizagem, pois orienta a criação de novas formas de ensinar, além de se tornar possível a simbolização do imaginário”.

Quando foi proposta a aula de mímica, somente um aluno da turma disse que conhecia a atividade. No primeiro momento da aula conversamos sobre expressão corporal e combinamos as regras do jogo: formamos dois grupos e cada grupo deveria escolher um representante para fazer a mímica na primeira rodada. O aluno escolhido pelo grupo começava a fazer a mímica para que seu grupo adivinhasse o que estava sendo representado. O aluno que estava fazendo a mímica não podia falar, nem emitir qualquer tipo de som, somente fazer sinais, como: positivo, negativo ou mais ou menos. Além disso, a equipe não podia fazer perguntas ao participante.

Ao voltarmos à atividade de mímica na quarta aula, usamos as mesmas cenas propostas na aula anterior, com o propósito de verificar se os alunos criariam novas formas de interpretar as cenas. Quando os alunos sorteavam as cenas já interpretadas, copiavam o que tinha sido produzido pelos colegas, não inventavam novas formas de expressão. Além disso, nas duas aulas de mímica, foi possível perceber que os alunos se expressavam apenas com movimentos do corpo e

dificilmente usavam expressões faciais para representar felicidade, dor, brabeza, tristeza, cansaço ou outras expressões descritas nas cenas.

Professora, como eu posso falar com meu rosto? Eu nunca fiz isso!

Como assim, comunicação não-verbal? Não entendi... (DIÁRIO DE CAMPO, 29/04/15)

Foi visível que vários alunos têm dificuldade para se expressarem corporalmente e se sentem constrangidos em realizar atividades de expressão corporal na frente dos colegas. A linguagem e a comunicação não-verbal, pois, mostram-se como temas que carecem de atenção na escola. O corpo deve ser entendido como elemento tão legítimo e necessário como outros elementos de comunicação entre os seres humanos. O corpo é ferramenta no processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que a dança ainda não está inserida no contexto escolar com a perspectiva de linguagem, comunicação e expressão corporal. Ao fazer as intervenções, percebemos que faltam aos alunos informações para criar, o que ficou evidente na insegurança dos mesmos e nas suas dificuldades ao longo de suas criações. Além disso, na maioria das aulas, os elementos de dança, nos processos criativos, eram semelhantes e mecânicos. Do início ao fim da pesquisa, não foi possível perceber muitas mudanças na produção dos alunos.

As danças da mídia, tão presentes nas criações dos alunos, de alguma forma têm contribuído para a restrição dos movimentos e composições coreográficas nas aulas de dança na escola. A carência de experiências anteriores, relativas à linguagem corporal, expressão e criação, limitou suas criações durante as intervenções. A capacidade criativa e expressiva, pois, precisa de mais atenção e sistematicidade no contexto escolar. Um caminho interessante para produzir outras experiências com dança seria que alunos e professores apreciassem espetáculos de dança, estudassem os movimentos e pesquisassem sobre o que estão aprendendo, para que possamos, cada vez mais, educar corpos para dançar, criar e se expressar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, terceiro e quarto ciclo**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

MARQUES, I. A. **Dançando na Escola**. 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **O ensino de dança hoje: textos e contextos**. 6. ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

ROHR, C. M. **Dança na educação física**. Rio de Janeiro: Sinergia, 2012.

SILVA, R. N. Expressão corporal na educação: a dança como instrumento crítico/criativo no processo de ensino-aprendizagem. **Revista FACEVV**. Vila Velha, jan./jun. 2012.

Disponível em: <<http://www.facevv.edu.br/Revista/08/Artigo10.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2014.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno CEDES**, v. 21, n. 53, p. 69-83. abr. 2001.

Artigo recebido em 17/04/2016. Aceito em 29/07/2016.